



RELISE

EMPREENDEDORISMO NEGRO BRASILEIRO: TENSÕES E LIMITES À LUZ DA INCLUSÃO ECONÔMICA E SOCIAL¹

*BLACK BRAZILIAN ENTREPRENEURSHIP: TENSIONS AND LIMITS IN
LIGHT OF ECONOMIC AND SOCIAL INCLUSION*

Geruza de Fátima Tomé Sabino²

Daniel Calbino Pinheiro³

RESUMO

Em uma sociedade marcada pela desigualdade socioeconômica crescente e fundada sobre uma estrutura hierarquizada a partir da raça, a prática empreendedora tem emergido como um discurso alternativo. Nesse contexto, o afroempreendedorismo é o esforço de ampliar as chances no mercado e nos negócios, a partir de uma perspectiva afrodiaspórica, ancestral. Apesar do aumento substancial de empreendedores negros na última década, há restrições estruturais impostas pelo próprio sistema, ao pleno desenvolvimento desses negócios, que são orientados pelo senso de coletividade, antirracismo e antissexismo. Neste cenário, o presente artigo tem por objetivo geral explorar as tensões e limites que perpassam o empreendedorismo negro no Brasil. Propõe-se, a partir da revisão da literatura e de pesquisas documentais, indicar os aspectos ideológicos que fundamentam o discurso do empreendedorismo e apontar que a luta antirracista exige também o questionamento das formas de classe que a atravessam na sociedade.

Palavras-chave: racismo estrutural, afroempreendedorismo, ideologia.

ABSTRACT

In a society marked by growing socioeconomic inequality and founded on a hierarchical structure based on race, entrepreneurial practice has emerged as an alternative discourse. In this context, Afro-entrepreneurship is the effort to increase chances in the market and in business, from an Afro-diasporic,

¹ Recebido em 30/11/2021. Aprovado em 16/02/2022.

² Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. geruzaft@hotmail.com

³ Universidade Federal de São João del-Rei. dcalbino@ufsj.edu.br



RELISE

40

ancestral perspective. Despite the substantial increase in black entrepreneurs in the last decade, there are structural restrictions imposed by the system itself, to the full development of these businesses, which are guided by a sense of collectivity, anti-racism and anti-sexism. In this scenario, this theoretical article aims to explore the tensions and limits that permeate black entrepreneurship in Brazil. Based on the literature review and documentary research, it is proposed to indicate the ideological aspects that underlie the discourse of entrepreneurship and point out that the anti-racist struggle also requires questioning the forms of class that permeate it in society.

Keywords: structural racism, afro-entrepreneurship, ideology.

INTRODUÇÃO

Entre os 211,1 milhões de brasileiros no ano de 2021, a população em idade ativa (apta a trabalhar) representou 177,1 milhões de pessoas. No mesmo período, a população ocupada (que trabalha) foi de apenas 87,7 milhões. Isso sugere que apesar do alto potencial ativo de mão de obra, 51,9% dos brasileiros estão sem trabalho (IBGE, 2021). Assim, como lidar com a inclusão econômica em um sistema cuja curva microeconômica indica carência de oferta de trabalhos?

Os desafios são maiores para a população negra, atravessada por desigualdades sociais, discriminação e preconceitos, decorrentes de uma construção histórica escravocrata. A inserção do negro no contexto empresarial brasileiro ilustra as discriminações raciais que persistem, o que significa não só a menor condição de igualdade para se competir, como as desvantagens no reconhecimento de suas potencialidades, em vista do racismo vigente.

Nas tentativas de superar as relações desiguais no mercado de trabalho e fazer frente a uma luta antirracista, tem se observado as propostas de afroempreendedores ou empreendedorismo negro (REZENDE, et al., 2018). A sua forma organizacional consiste na elaboração de negócios próprios que atendam às demandas da população negra sem negligenciar a luta política que



RELISE

41

envolve valorização, potencialização e posituação da cultura negra. Os exemplos de salões de beleza étnicos que resgatam o cabelo “crespo”, as feiras pretas de arte, artesanato e antiguidades, são algumas das diversas iniciativas que visam à geração de renda e ressignificação dos estereótipos contra a subalternização (GOMES, 2003; NIMOCKS, 2015).

Enquanto essas formas de resistência são importantes na dimensão econômica e social, contudo, ao apropriarem da filosofia do empreendedorismo, reproduzem também ideologias e contradições em suas práticas (ESTHER, 2019; CARMO et al., 2020).

O conceito ganha força, no Brasil, a partir da década de 1990 e emerge de um novo tipo de trabalhador, pelo qual o engajamento em projetos temporários ou no próprio negócio substitui a experiência anteriormente associada ao desenvolvimento de uma carreira. Embora produzido no contexto do mundo corporativo, o empreendedor está no cerne do “novo espírito do capitalismo”, marcado por uma conjuntura de transformações político-econômicas que alteram significativamente as relações do trabalho (SILVA, 2018).

Na nova configuração laboral, se não há possibilidades de empregar todos pelas vias tradicionais do trabalho formal e da carteira assinada, as propostas de fazer por si mesmo, da concepção de autonomia, denunciam uma forte e crescente precarização e perda de direitos (FERRAZ; FERRAZ, 2021).

Fato demonstrado pelos dados que indicam que dos 87,7 milhões de brasileiros ocupados, apenas 34,3 milhões tem carteira assinada no setor privado, 13,5 milhões estão no setor público e 5,8 milhões são empregadas domésticas. A outra metade representa o “exército de empreendedores”, que majoritariamente estão na informalidade (28,3 milhões) ou em formatos jurídicos com baixa movimentação financeira (11,3 milhões de Microempreendedores Registrados) (IBGE, 2021).



RELISE

42

Apesar da maioria dos empreendedores serem formados por negros (51,0%) (SENA, 2021), quando se compara os rendimentos, são os brancos que faturam mais (na média, 17%) e apresentam as maiores taxas de formalidade (40% das empresas com CNPJ) em relação aos negros (19%) (JUNIOR; PASSETI, 2020). Se a principal motivação para iniciar um negócio no Brasil, segundo a pesquisa do GEM (2019), é para ganhar a vida porque os empregos são escassos, ou seja, empreender por necessidade (SOUZA NETO, 2017), esses números são ainda maiores entre os negros, que relataram empreender menos por oportunidades (54%) do que os brancos (70%).

É nesse contexto que o presente artigo tem por objetivo explorar as tensões e limites que perpassam o empreendedorismo negro no Brasil. Propõe-se, a partir da revisão da literatura e de pesquisas documentais, indicar que o movimento afroempreendedor tem suas restrições impostas pelo próprio sistema capitalista, de cariz neoliberal, que reproduz as desigualdades estruturais, fundamentada em discriminações raciais.

SOBRE AS TENSÕES E LIMITES DO AFROEMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo tem se propagado intensamente nas últimas décadas e tem origem na expressão *entrepreneur* na França por volta dos séculos XVII e XVIII, que significava realizar, fazer, executar (SERAFIM; FEUERSCHÜTTE, 2015). De um modo geral, o termo tem sido usado para se referenciar a tomada de decisão, por um indivíduo ou coletivo de pessoas, de iniciar um negócio, formalizado ou não. Além da atuação em novos mercados e/ou em mercados já existentes, estes podem atuar dentro de uma organização, pública ou privada, a partir de atributos técnicos ou cognitivos, aproveitando as oportunidades para realizar rupturas, reformas, revoluções, inovações, mudanças.



RELISE

43

O empreendedorismo tem tomado espaço no ensino da Administração, sendo inclusive disciplina obrigatória em grande parte dos cursos. Geralmente nas ementas estudam-se casos de sucesso de empreendedores, busca-se compreender linguagens, os perfis, habilidades e comportamentos dos mesmos. Ressaltam-se também ferramentas que apoiam o processo de planejamento, organização, execução e controle da dimensão administrativa, produtiva e das relações de trabalho que garantam, minimamente, o ambiente satisfatório para a produção.

Na esteira do empreendedorismo, fortalece-se no Brasil o afroempreendedorismo que, em síntese, são negócios realizados por pessoas negras, nos quais os produtos e/ou serviços são direcionados a pessoas negras.

De acordo com Lemos (2019), o afroempreendedorismo está conectado ao conceito de empoderamento, no sentido elaborado por Berth (2018). A autora, no seu livro “O que é empoderamento?”, afirma que esse é um conceito que se popularizou e seu uso banalizado provocou distorções e incompreensões sobre o movimento antirracista dos coletivos em luta, envolvendo grupos oprimidos.

Berth (2018) se apoia em autores intelectuais negros e negras, notadamente norte-americanos, para construir a sua perspectiva emancipatória, indicando que, historicamente, o empoderamento se refere à construção de laços e fortalecimento de vínculos entre povos oprimidos.

A sua proposta consiste na positivação dessas formas de identidade, que historicamente foram invisibilizadas e negadas. A partir do conhecimento sobre a vida socioeconômica e cultural, com acesso à ancestralidade da diáspora, buscam-se formas de auto-organização para combater o sistema de opressões, e construir, por elas mesmas, seu bem-estar e proteção.



RELISE

44

De um modo geral, as atividades desenvolvidas no empreendedorismo negro se pautam na: a) afirmação de que os negros hoje apresentam maior poder de consumo e podem escolher o que compram, mas não encontram itens específicos para as suas necessidades, e b) a ênfase no sentido político do mercado de produtos segmentados.

Emerge, assim, um grupo de ações pautadas no comércio de produtos segmentados, entre cosméticos, roupas e acessórios; a apresentação de produções culturais, cujos trabalhos encontram estreita ligação com as políticas de cultura afrodescendente; o incentivo à sociedade e ocupação de espaços públicos de alimentação, bebidas, palcos para realização de shows; bem como a participação e presença em instâncias governamentais, no intuito de se fazer legislar políticas que atendam as demandas de acesso ao crédito, gestão e escoamento de produtos e serviços desta natureza (SILVA, 2018).

De um lado, no empreendedorismo, os indivíduos passam a confiar em seu poder pessoal para a superação das desigualdades, notadamente as econômicas. Já no afroempreendedorismo, grupos étnicos específicos passam a apostar em seu poder coletivo para a superação das iniquidades, também condicionadas pela raça.

Contudo, ambos invisibilizam o debate sobre a natureza do Estado neoliberal, o estado mínimo, que se quer mínimo para o povo, e assumem a possibilidade de uma emancipação no interior do sistema capitalista. É possível uma luta antirracista que não seja antissistema?

No Brasil, a propagação intensa das ideologias do empreendedorismo e do afroempreendedorismo, emergem exatamente em um período histórico de crise nacional, manifesto, segundo Alves (2021), por meio da queda estrutural da taxa de lucratividade do capital. A emergente necessidade de aumentar a taxa de exploração do trabalho intensificou a precariedade com apoio



RELISE

institucional do Estado neoliberal, que necessita dar status jurídico a superexploração da força de trabalho.

Nesse sentido, a Reforma Trabalhista e a Lei da Terceirização de 2017, são expressões mais candente do quanto já não era mais admissível, para uma parte da burguesia nacional, um Estado que não tivesse como prioridade a recomposição dos níveis de lucratividade em declínio.

Assiste-se, desde então, o aumento progressivo do trabalho informal, uberizado, terceirizado, quarterizado, subcontratado, e do desemprego. No período (2017-2020), o número de microempreendedores Individuais cresceu mais de 120%, ao mesmo tempo em que caíram os pedidos de solicitação de emprego. A tendência do desemprego, devido à desaceleração dos pedidos de seguro-desemprego e do contínuo crescimento dos sujeitos que aderem ao Micro Empreendedor Individual (MEI), sugere que a estratégia de promoção do autoemprego vem dando resultados (SANTIAGO, 2020).

Em consonância com as circunstâncias acima descritas, parte da mídia hegemônica, o Estado, instituições educacionais, organizações públicas e privadas intensificaram o discurso sobre a importância de os trabalhadores serem empreendedores, de criarem seus próprios negócios, resolverem, por si, seus problemas.

Neste discurso o empreendedor deixa de apresentar um perfil, adornado também pelas condições infraestruturais, demográficas e socioeconômicas específicas, para a ideia de que todos podem empreender e vencer. Associa-se ainda o empreendedorismo a um fenômeno de massa, que a partir dos seus indivíduos, ou de grupos específicos, buscam o desenvolvimento socioeconômico de seu país (SILVA, 2002; COSTA; SARAIVA 2011; FERRAZ; FERRAZ, 2021).

Na perspectiva do empreendedorismo, França Filho (2008) e Sandoval (2020) ressaltam que a ideia de combater o desemprego por meio do



RELISE

46

individualismo, é reflexo de uma filosofia moral utilitarista que considera justo, bom e desejável que cada indivíduo busque satisfazer suas necessidades egoísticas, pois assim, a sociedade encontraria o bem-estar social e a felicidade.

Em 2019, o *Global Entrepreneurship Monitor (GEM)* publicou que 53% das empresas em atividade no Brasil são formadas por apenas uma pessoa, o que pode revelar um alto índice de cidadãos no autoemprego. Esse número é ainda mais alto quando observado o percentual de negros por conta-própria, que, em 2014, alcançou 91% dos empreendedores negros (SEBRAE, 2016, p. 11).

Deste modo, sustenta-se um discurso baseado na via insercional-competitiva que consiste em inserir a população desempregada nos chamados circuitos formal da economia, constituída, sobretudo, pelos postos de trabalho gerados na economia de mercado via microempresas privadas.

A visão de inserção pelo econômico apoia-se ainda em um diagnóstico “míope” sobre as razões do desemprego: trata-se de pensar que o problema é de desqualificação da mão-de-obra. Nesse intuito, a inserção pelo econômico compreende uma questão de melhoria das condições de empregabilidade da população para assumir os postos de trabalho supostamente disponíveis na chamada economia de mercado.

Assim, a ideia consiste em transformar ex-assalariados em situação de desemprego em novos detentores de micro e pequenos negócios, ou seja, empreendedores. Defende-se as qualidades inerentes à ação de empreender: inovação, criatividade, flexibilidade, disposição, espírito de iniciativa.

É por meio do sucesso econômico alcançado que o empreendedor é discursivamente construído como “dono do seu destino”, podendo minimizar as incertezas da vida. Constitui-se em um herói que precisa ser copiado,



RELISE

47

contribuindo para a difusão de uma nova teoria da gestão que não questiona o reducionismo e os condicionantes ideológicos embutidos em suas informações.

Segundo a Pesquisa Afroempreendedorismo Brasil (2021), desenvolvida pela RD Station, Inventivos e o Movimento Black Money, dificuldades financeiras são o maior motivo para as aberturas dos negócios das populações negras. O perfil dos empreendedores é feminino, solitário, ligado ao comércio, à comunicação e a chamada indústria de cuidados, portanto, marcado pelo baixo capital tecnológico.

Elas possuem como principais dificuldades as discriminações raciais e o acesso ao crédito. Os negócios nascem de suas dores, majoritariamente relacionadas à questão racial, e embora 61,9% dos participantes da pesquisa tenham ensino superior, apenas 15,8% possuem renda familiar superior a seis salários-mínimos.

Constata-se que esses arranjos econômicos, especialmente da população negra, em sua maioria, atuam como estratégias de sobrevivências, sem desmerecer, no entanto, a dialética existente na força política e econômica desses grupos: ao compartilharem suas dores, curam-se, num processo de positivação dos corpos e subjetividades negros, historicamente negados. Mas esse movimento de superação das desigualdades de grupos específicos encontra seus limites na forma de ser do próprio sistema capitalista.

Como, exemplo, durante a pandemia de Covid-19 no Brasil entre 2020 e 2022, as medidas sanitárias mais empregadas para a contenção da propagação foi o distanciamento social. Porém, isso implicou na redução ou mesmo na paralisação total de grande parte das empresas que atuavam no setor de comércio, ditos presenciais e não essenciais (ABREU et al., 2021).

Enquanto 85,1% das Micro e Pequenas empresas atuavam nesses setores (SEBRAE, 2020), os empreendedores negros foram os que mais sofreram os seus impactos, uma vez que a sua presença foi maior nas



RELISE

48

periferias das metrópoles, onde a Covid-19 foi mais intensa, e a maior proporção dos negócios só funcionavam presencialmente (como os serviços domésticos).

Essas desigualdades foram também confirmadas no *Survey* realizado pelo Sebrae e a Fundação Getúlio Vargas, junto a 6.883 micros e pequenos empreendedores, entre os dias de 25/11/2021 e 01/12/2021. A pesquisa indicou que, após quase dois anos de pandemia, a proporção de empreendedores negros que ainda fatura abaixo de um mês normal foi de 72% contra 66% no caso dos brancos. Consequentemente, o faturamento médio dos empreendedores negros ainda está 35% abaixo do normal, contra queda de 27% no caso dos brancos (SEBRAE, 2021).

Chama a atenção que essas dificuldades também vieram acompanhadas das limitações de acesso aos créditos: a taxa de aprovação durante os dois anos de pandemia se mostrou menor entre os negros (48% versus 64% no caso dos brancos), afetando também as dívidas em atraso (35% negros contra 24% brancos) (SEBRAE, 2021).

Do ponto de vista do discurso empreendedor, contudo, negligenciam-se as causas estruturantes do desemprego, ao depositar todas as fichas na capacidade da economia de mercado em absorver o contingente de desempregados. Ou seja, não se reconhece o caráter intrinsecamente excludente na dinâmica da própria economia de mercado via acumulação capitalista e, assim, não se propõe soluções para além de um paradigma de mercado, cujo corolário é o crescimento econômico com acumulação de riqueza e extração de mais-valia.

Os dados do Sebrae relativos à longevidade de micro e pequenos negócios revelam-se eloquentes: 90% de tais iniciativas não resistem aos primeiros cinco anos de vida. É precisamente esse tipo de característica que leva a se questionar o caráter sustentável de tal tipo de solução. O discurso do



RELISE

49

fracasso, por sua vez, é produzido de forma silenciosa sob a forma do improdutivo, do estéril, da preguiça, da desqualificação profissional, da ideia não implementada. É nesse sentido que apresentam aspectos de controle social, pois na realidade, ideologia e ficção se misturam e são disseminados nas histórias de sucesso (FRANÇA FILHO, 2008; COSTA; SARAIVA 2011; FERRAZ, 2020).

Observa-se assim, que o discurso do empreendedorismo aponta para uma crença que sustenta a individualização, que se encaminha no sentido de reconstruir uma cultura do trabalho adaptada ao desemprego, ao risco e à insegurança, que parecia em vias de eliminação durante os anos de maior crescimento econômico e distribuição de renda, notadamente nos governos progressistas.

Nesse quadro, os empresários e trabalhadores não mais representam a exploração do homem pelo homem; convertem-se em símbolos do sucesso social, pois o lucro nada mais é do que um excedente legítimo que não gera nem exploradores nem explorados, mas simplesmente ganhadores de um lado e malsucedidos ou perdedores do outro lado (COSTA; SARAIVA 2011; CARMO et al., 2020; ESTHER, 2019).

No entanto, no contexto da luta antirracista, o afroempreendedorismo se conecta a conceitos como empoderamento, na perspectiva coletiva da luta social por dignidade, por bem-estar, por autonomia financeira. Enfatiza a necessidade de fortalecimento da comunidade negra, valorização da sua ancestralidade, e aumento qualitativo das condições de reprodução da vida material e subjetiva.

Ao mesmo tempo, necessitam lidar com as contradições impostas pela lógica capitalista, já que todas as suas atividades econômicas se realizam no interior desse sistema, complexo, contraditório e totalizante. Sendo assim, essa comunidade se vê obrigada a qualificar seus quadros para manipular planilhas



RELISE

50

de custos, elaborar planos de negócios para disputar linhas de crédito minguadas, advindas de um sistema financeiro colonizador cada vez mais soberano. O paradigma gerencial continua sendo o ocidental, que em última instância, define o que é risco, viabilidade (econômica, financeira e mercadológica), produtividade, eficiência e eficácia.

Os referenciais teórico-ideológicos da gestão empresarial permanecem no horizonte desses empreendimentos, que também negam a exploração do trabalho no interior do coletivo. Nos dizeres de Lemos (2019, p. 875) “o afroempreendedorismo pensa o projeto de desenvolvimento econômico por meio do coletivo, afastando-se da ideia de que para crescer é necessário que outra pessoa seja explorada”.

Assim, apagam-se pelo silêncio no discurso, as contradições entre a lógica excludente imanente ao sistema capitalista, que se apoia em critérios raciais e de gênero para justificar as desigualdades socioeconômicas crescentes. A emancipação do povo negro oprimido, preconizada pelo movimento afroempreendedor encontra seus limites no sistema jurídico político que estabelece as regras da burocracia do seu funcionamento. É buscar abrigo no interior de uma casa que não foi concebida para isso.

Em síntese, as teorias do empreendedorismo são ideológicas porque não dizem respeito a apenas a aquisição de novas competências técnicas, mais bem adaptadas a atual organização da produção. O empreendedorismo contém uma dimensão simbólico-ideológica de adesão e convencimento, que interfere sobre a visão de mundo dos trabalhadores, que passam a acreditar e naturalizar o discurso de flexibilidade das leis trabalhistas, da não proteção do emprego, da busca pela individualização do sucesso (SILVA, 2002; CAMPOS, SOEIRO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS



RELISE

Buscou-se, com o artigo, refletir criticamente sobre as tensões e limites que perpassam o movimento do afroempreendedorismo no Brasil. Para tanto, subsidiamos o debate em uma literatura especializada com análises do mercado de trabalho capitalista, notadamente em países considerados periféricos ao centro dinâmico da economia ocidental como o Brasil.

Foram apresentadas interpretações sobre as transformações desse sistema sociometabólico, com tendências em precarizar as relações de trabalho, justificadas pela necessidade crescente do aumento da lucrativa ampliação do capital, extraíndo mais-valia via superexploração do trabalho.

Foi possível indicar que, embora orientados por uma perspectiva afrodiaspórica, o movimento afroempreendedor brasileiro encontra restrições à sua materialização emancipatória e antirracista. Isso ocorre porque também estão condicionados a determinantes estruturais impostos pelo próprio sistema capitalista, de cariz neoliberal, que se funda sobre desigualdades socioeconômicas, reproduzindo de forma sistemática discriminações fundamentais na raça e gênero.

Compreende-se, contudo, que é relevante reconhecer a possibilidades dessas iniciativas econômicas, que nascem como estratégias de sobrevivência no chamado empreendedorismo por necessidade. Historicamente, as populações negras demonstraram que são capazes de resistir às vicissitudes e violências, respondendo com criatividade aos impedimentos e discriminações impostas pelo racismo.

Nesse sentido, romper com esse sistema de opressão significa desenvolver conceitos organizacionais e tecnológicos próprios, viabilizar a intensificação dos diálogos e as trocas de saberes entre os grupos afrodiaspóricas pelo mundo, aprimorando a cooperação técnica e científica a partir de novas perspectivas epistemológicas, não subordinadas, emancipatórias (NASCIMENTO, 1980).



RELISE

REFERÊNCIAS

ABREU, A; BEVILAQUA, G; BEDÊ, M; NOGUEIRA, M. Terá cor a pandemia? O impacto da Covid-19 nos pequenos empreendedores negros. **Boletim de análise Político-Institucional**, n.26, p.65-71, 2021.

ALVES, G. A nova informalidade do mundo do trabalho: aspectos da reforma trabalhista no Brasil. *Comciência*, Laboratório Avançado em Estudo de Jornalismo Científico (LABJOR-Unicamp). **Sociedade Brasileira Para Progresso da Ciência** (SCBC), Dossiê 203, 2018. <https://www.comciencia.br/nova-informalidade-do-mundo-do-trabalho-aspectos-da-reforma-trabalhista-no-brasil/>

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

CAMPOS, A; SOEIRO, J. **A falácia do empreendedorismo**. Lisboa, Portugal: Bertrand, 2016.

CARMO, L. J. O; ASSIS, L. B., GOMES, A. B., JR. TEIXEIRA, M. B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE. BR**, v.19, n.1, p.18-31, 2020. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200043>

COSTA, A, S, M; SARAIVA L A. O Consenso, o Exemplo e a Inexorabilidade: Discursos Hegemônicos acerca do Empreendedorismo como Mecanismo de Reprodução do Capital. In: XXXIII ENANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, 2011.

ÉSTHER, A. B. A política de identidade do empreendedorismo: uma análise na perspectiva da sociologia figuracional e da psicologia social crítica. **Cadernos EBAPE. BR**, 17(esp.), p.857-870, 2019. <https://doi.org/10.1590/1679-395176629>

FERRAZ, J. de M.; FERRAZ, D. L. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. **Cadernos EBAPE. BR**, 1 jun. 2021. <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/83811>.

FERRAZ, J. M. A noção de sucesso na sociedade capitalista: entre o mérito e a impessoalidade no trabalho. **Scribes – Brazilian Journal of Management and Secretarial Studies**, v.1, n.2, p.69-89, 2020. <https://doi.org/10.33228/scribes.2020.v1.11241>



RELISE

FRANÇA FILHO, G. A via sustentável solidária no desenvolvimento local. **Revista Organizações & Sociedade**, v.15, n.45, p.140-154, Abr./Jun., 2008. <https://www.scielo.br/j/osoc/a/ycjPg73hsgNFQDVpZLpmfzj/?lang=pt>

FRANCO, D.S; FERRAZ, D.L. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. **Cadernos EBAPE. BR**, v.17, Rio de Janeiro, 2019. <https://doi.org/10.1590/1679-395176936>

GEM BRASIL. GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Empreendedorismo no Brasil - 2019**. Relatório executivo. Coordenação Geral Simara Maria de Souza Silveira Greco – IBQP. IBQP; SEBRAE, 2019.

GLEICY, M. «Cultura negra e empreendedorismo: Sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado», **Anuário Antropológico** [Online], v.43 n.1 | 2018.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, RJ: Autor, 2021.

https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Fasciculos_Indicadores_IBGE/2021/pnadc_202102_trimestre_caderno.pdf

JUNIOR, A; PASSETI, A. EMPREENDEDORISMO NEGRO: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado. XLIV ENCONTRO DA ANPAD - Enanpad 2020. **ANAIS...** Evento on-line - 14 a 16 de outubro de 2020, 2020. http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjgzMDY=

LEMOS, L. O afroempreendedorismo: saber tradicional, empoderamento e contribuição à indústria criativa. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 861 – 879, 2019. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2019.153975>

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.



RELISE

54

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodíaspóra**. IPEAFRO / Rio de Janeiro, v3, n.6, p.41-49, abr./dez., 1985.

NIMOCKS, J. M. **The Natural Hair Movement as a Platform for Environmental Education**. 2015. Senior These (Bachelor of Arts Degree in Environmental Analysis), Pomona College, Claremont, California, 2015.

RD STATION, INVENTIVOS E O MOVIMENTO BLACK MONEY. (2021). **Pesquisa Afroempreendedorismo Brasil**, 2021. <https://1h4hfe10xz8m3g3xkh2wb9lc-wpengine.netdna-ssl.com/blog/files/2021/06/Pesquisa-Afroempreendedorismo-Brasil.pdf>

REZENDE, A, MAFRA, F; PEREIRA, J. Black entrepreneurship and ethnic beauty salons: possibilities for resistance in the social (re)construction of black identity. **Revista Organizações & Sociedade** [online]. 2018, v. 25, n. 87, p. 589-609. <https://doi.org/10.1590/1984-9250873>.

SANDOVAL, M. Entrepreneurial activism? Platform cooperativism between subversion and co-optation. **Critical Sociology**, v.46, n.6, p.801-817, 2020.

SANTIAGO, C. **Crítica da função social do microcrédito: ideologia do empreendedor e empoderamento**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de São Paulo, Marília, 2020. https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193449/santiago_co_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Painel de Empresas**. DataSebrae. Brasília: Sebrae, 2020.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. O impacto da pandemia de coronavírus nos pequenos negócios. Brasília: Sebrae, 2021. Disponível em: <https://fgvprojetos.fgv.br/artigos/o-impacto-da-pandemia-de-coronavirus-nos-pequenos-negocios-13a-edicao-do-sebrae-dezembro>

SENA, L. **Mercado e equidade: o empreendedorismo negro no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Direito), Universidade de Brasília, 2021. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41129>



RELISE

55

SERAFIM, M; FEUERSCHÜTTE, S. G. Movido pelo transcendente: a religiosidade como estímulo ao “espírito empreendedor”. **Cadernos EBAPE.BR**, v.13, n.1, p.165-182, 2015.

SILVA, G. **Empreendimentos sociais, negócios culturais**: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da Feira Preta de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, L, A, M. Da informalidade à empregabilidade: reorganizando a dominação do mundo do trabalho. **Cadernos CRH UFBA**, n.37, p.81-109, jul./dez, 2002.

SOUZA NETO, B. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro**: o empreendedorismo de necessidade do “virador” [livro eletrônico] / Bezamat de Souza Neto. - 2. ed. - São Paulo : Blucher, 2017. 314 p.
http://35.238.111.86:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/616/Souza%20Neto_Bezamat_Contribuicao%20e%20elementos%20para%20um%20metamodelo%20empreendedor%20brasileiro.pdf?sequence=1